

# Boletim Gaúcho de Geografia

<http://seer.ufrgs.br/bgg>

---

## OS PRIMÓRDIOS DA FORMAÇÃO SÓCIOESPACIAL DO LITORAL NORTE DO RIO GRANDE DO SUL

*Marcos Daniel Schmidt de Aguiar*

*Boletim Gaúcho de Geografia, 32: 57-74, dez., 2007.*

Versão online disponível em:

<http://seer.ufrgs.br/bgg/article/view/37448/24195>

---

Publicado por

## Associação dos Geógrafos Brasileiros

---



## Portal de Periódicos UFRGS

UNIVERSIDADE FEDERAL  
DO RIO GRANDE DO SUL

---

### Informações Adicionais

**Email:** [portoalegre@agb.org.br](mailto:portoalegre@agb.org.br)

**Políticas:** <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/editorialPolicies#openAccessPolicy>

**Submissão:** <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/submissions#onlineSubmissions>

**Diretrizes:** <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/submissions#authorGuidelines>

---

Data de publicação - dez., 2007

Associação Brasileira de Geógrafos, Seção Porto Alegre, Porto Alegre, RS, Brasil

## OS PRIMÓRDIOS DA FORMAÇÃO SÓCIOESPACIAL DO LITORAL NORTE DO RIO GRANDE DO SUL<sup>1</sup>

Marcos Daniel Schmidt de Aguiar<sup>2</sup>

### Resumo

Este texto trata de evidenciar os primeiros elementos que constituem ou constituíram aquilo que poderíamos chamar de o início da construção social do espaço geográfico do Litoral Norte do Rio Grande do Sul. Por este viés, julgamos que têm importância central nesta pesquisa as reflexões teóricas em torno dos conceitos de *espaço social* e de *formação sócio-espacial*. Tais teorias, fortemente trabalhadas por Milton Santos (1926-2001), entre outros, estimularam e conduziram esta reflexão feita em torno dos primórdios do processo de ocupação territorial do sul do Brasil e, em particular, do litoral setentrional de nosso Estado. Realizar uma análise que permita apresentar um processo de historicização da geografia desta região é o objetivo principal neste artigo, buscando definir os períodos que marcaram as primeiras intervenções naquele espaço de *areia e mar*. Ao cabo, reafirmamos a validade das teorias para esta análise, por que revelam o(s) contexto(s) sócio-político-econômico das transformações ocorridas e permitem detectar os elementos formadores do espaço regional.

**Palavras-chave:** espaço social - formação sócio-espacial - litoral norte do Rio Grande do Sul - espaço regional.

### THE FIRST STEPS OF THE SOCIAL-SPATIAL FORMATION OF RIO GRANDE DO SUL'S NORTHERN COAST

### Abstract

This text treats to evidence the first elements that constitute or had constituted what we could call the beginning of the social construction of the geographic space of Rio Grande do Sul's North Coast. For this bias, we judge that the theoretical reflections around the concepts of social space and social-spatial formation have central importance in this research. Such theories, strong worked for Milton Santos (1926-2001), among others, had stimulated and lead this reflection made around the first steps of the process of territorial occupation of the south of Brazil and, in particular, of the

---

1 Esse artigo é parte da Dissertação de Mestrado em Geografia - área de concentração: desenvolvimento regional e urbano, realizada junto ao Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC. Florianópolis, setembro de 2006. Enviado para publicação em junho de 2007.

2 Geógrafo da Secretaria da Agricultura, Pecuária e Agronegócio do RS. Me. em Geografia. Doutorando do Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Rural da UFRGS. E-mail: geomdaniel@terra.com.br

northern coast of our State. To carry through an analysis that allows to present a process of history of the geography of this region is the main objective in this article, searching to define the periods that had marked the first interventions in that space of the *sand and sea*. To the handle, we reaffirm the validity of the theories for this analysis, why they disclose the contexts social-political-economic of the occurred transformations and allow to detect the elements that form the regional space.

**Key-words:** social space - social-spatial formation - Rio Grande do Sul Northern Coast - regional space.

### Introdução

Apresentar as origens de cada sociedade, os lugares onde cada uma delas se formou e as relações daí resultantes, é fundamental para um estudo que pretenda enxergar na história das mudanças por que passou uma região, o seu processo de desenvolvimento. Os *primórdios*, ou *os tempos mais antigos* (assim apresentados pela História) têm um resgate neste texto que procura evidenciar os elementos que constituem ou constituíram aquilo que poderíamos chamar de o início da construção social do espaço geográfico do litoral norte gaúcho.

Apesar de poder parecer fortemente histórica, cumpre-nos reiterar que a análise aqui empreendida é calcada na relação entre o meio que está disponível e a sociedade que ali se estabelece. Para se entender o espaço atual em que vivemos, é mister incorporar-se da maneira mais ampla possível a história desse espaço, através de estudos e extensos trabalho de pesquisa. Milton Santos (1979), já assinalava a importância desta incorporação, na sua obra *Espaço e Sociedade*:

Se a Geografia deseja interpretar o espaço humano como o fato histórico que ele é, somente a história da sociedade mundial, aliada à da sociedade local, pode servir como fundamento à compreensão da realidade espacial e permitir a sua transformação a serviço do homem. Pois a História não se escreve fora do espaço e não há sociedade a-espacial. O espaço, ele mesmo é social. (SANTOS, 1979, p. 9-10)

A construção social - entendida como o amplo espectro da ação de atores, grupos e interesses sociais sobre uma região - ajuda-nos a entender as formações que vão se sucedendo sobre o espaço. Essa construção, que transformou e transforma determinados lugares de diversas maneiras, revela uma sociedade vivendo e sobrevivendo sobre o espaço concreto e, dessa relação, surgem então “novos espaços”. É “assim que falamos de espaço social, como espaço resultante da ação humana (social) sobre o espaço geográfico”(SANCHÉZ, 1991).

Marcos Daniel Schmidt de Aguiar

Partindo, então, dos primeiros sinais da ocupação lusa no sul do Brasil até meados do século XIX, é que pretendemos historicizar a geografia do litoral norte gaúcho, revelando os primeiros aspectos dessa formação sócioespacial.

### **Os desdobramentos de Tordesilhas**

A ocupação do sul do Brasil pelos portugueses ocorreu tardiamente em relação aos demais pontos do litoral brasileiro, praticamente quase duzentos anos depois do “descobrimento de Cabral”. Produto das relações entre Portugal e Espanha, a dilatação da fronteira para o sul foi se dando pela estratégia militar e de ocupação econômica concebida pelos lusitanos nesta vasta região. Apesar da presença indígena próxima ao litoral, foi por aí que os portugueses adentraram com as armas e as técnicas de que dispunham, usando a costa atlântica como a grande via de contato e de penetração no novo território.

Estabelecidas as capitânicas hereditárias no Brasil, a última povoação ao sul da possessão portuguesa na América era a da então Capitania de São Vicente, fundada em 1532 por Martim Afonso de Souza. Bem mais ao sul, os espanhóis fundaram Buenos Aires em 1536, na margem direita do rio da Prata. Uma definitiva e segunda fundação seria feita em 1580, pois na primeira houve dificuldades de abastecimento das primeiras populações e, principalmente, a resistência de indígenas, ocasionando o abandono do sítio inicial. O avanço (a ocupação), dos espanhóis no sul do continente, se dava através dos rios da Prata e Paraná, na busca de riquezas minerais. Os portugueses, por sua vez, avançavam pelo litoral atlântico, que era a parte “conhecida do novo território”, atrás das mesmas riquezas. A fundação daquela cidade pelos espanhóis, bem como a atividade desencadeada com o contrabando que beneficiava Portugal, faz com que a Corte portuguesa passe a estabelecer estratégias de consolidar sua fronteira sul, já que Tordesilhas simplesmente era uma linha que continuava sendo imaginária, como assinalou Rosa (1957, apud ESPÍRITO SANTO, 1999):

A linha de Tordesilhas, (...) as linhas demarcatórias, a fluir e a refluir incessantemente, nada disso teve caráter definitivo, ou permanente; tudo isso se alterou, modificou-se, anulou-se, enquanto a “fronteira” delineava-se, e se fixava, pela ação direta e tenaz dos homens da raia”.

Afirmava-se também, através de militares e diplomatas portugueses, que o limite entre Portugal e Espanha na América era o limite natural do rio da Prata e do rio Uruguai, justificados pelas primeiras expedições, que tiveram a colocação de marcos padrões. Em 1676 a Igreja novamente, através do Papa Inocêncio XI, faz publicar uma bula “pela qual o bispado do Rio de Janeiro estendia sua jurisdição até o rio da Prata” (BORGES FORTES et alli,

1963:21). Otelo Rosa ainda conclui que era sob esse princípio - traçado nos limites do bispado do Rio de Janeiro - “que irá fazer-se a formação territorial do Rio Grande do Sul, processo histórico que haveria de compreender, necessariamente, a fixação do homem, o povoamento da terra” (ROSA, 1957: 17).

Flores (1993:21) aponta a tentativa de ocupação e colonização por missionários jesuítas portugueses entre os índios carijós na região de Laguna em 1605, sendo dificultada pelo “maioral indígena Tubarão”. Guilhermino César (1983:21-23) também fala de missionários jesuítas portugueses do outro lado do rio Mampituba entre 1605 e 1607: “Se verificou o primeiro contato frutuoso dos missionários portugueses com o indígena do litoral gaúcho, antes de haver o jesuíta espanhol (...)”. Entretanto, as iniciativas de catequeses junto aos índios do sul do Brasil foram frustradas, pois não havia interesse neste tipo de ação, bem como nenhuma condição de estabelecimento de reduções nessas paragens. O governo central português não apostava nessas iniciativas, apesar de Estado fortemente católico. A ação dos bandeirantes vicentistas, ao contrário, era fomentada pelo governo e promovia a incursão para o sul, ampliando as chances de encontrar as riquezas economicamente importantes e dilatando a suposta fronteira.

A fronteira se alterava conforme o avanço das fundações de sedes militares para o sul, que eram geralmente precedidas de expedições exploratórias. Na prática, a estratégia portuguesa pretendia galgar mais espaço, onde pudesse também encontrar mais recursos naturais de valor. Assim, são fundados povoados e vilas ao longo da costa sul atlântica como pontos de ocupação e posse, que também passam a dar apoio à atividade de contrabando (o ouro e a prata eram os produtos mais contrabandeados, mas também couros e madeira, além de indígenas e mais tarde escravos). Em 1648, funda-se a Vila de Paranaguá, representando novo impulso para a ocupação do sul. Dez anos mais tarde, é criada a povoação de São Francisco. A fundação de Nossa Senhora do Desterro, na Ilha de Santa Catarina (atual Florianópolis), por Francisco Dias Velho, bandeirante vicentista, dá-se em 1662. Entretanto, para sinalizar sua posse meridional, Portugal funda a Colônia do Santíssimo Sacramento em 1680, na outra margem do rio da Prata, em frente à cidade de Buenos Aires. Nesse processo de ocupação portuguesa em direção sul, a Vila do Rio Grande, criada a partir do estabelecimento de um forte militar em 1737, foi uma das principais delas. Junto às vilas do Desterro e de Santo Antônio dos Anjos da Laguna, fundadas em 1684, perfaziam o conjunto de locais que deveriam apoiar militar e economicamente a Colônia. Segundo Borges Fortes et alii (op.cit., p. 22), Laguna foi o verdadeiro ponto de apoio à Colônia e “a base para a ocupação demográfica do Rio Grande”. A necessidade de apoiar a colônia portuguesa no

rio da Prata foi o que determinou a fundação de Laguna e “impôs o povoamento das terras que as ligavam, isto é, o Continente do Rio Grande de São Pedro”. Mais especificamente as terras do litoral, já que, distante dali, os espanhóis avançavam no atual território do Rio Grande do Sul pelo rio Uruguai, fundando os *Sete Povos das Missões* (1626-1707) em sua margem esquerda.

Esta expressão - *continente* -, usada à época, mostrava a verdadeira imensidão desse espaço, bem como seu total desconhecimento e despovoamento. Desde meados do século XVI, já apareciam em cartas portuguesas e espanholas referências à costa atlântica dessas terras. As construções sociais dos termos geográficos também eram fortemente influenciadas pela religião católica e pelo poder político europeu (ibérico). Aqueles considerados principais, do ponto de vista estratégico da ocupação territorial, sempre tinham um padroeiro ou padroeira. Num segundo plano, apareciam ou permaneciam os termos indígenas, geralmente para designar lugares de menor expressão política e econômica ou de certo perigo, como, por exemplo, *mampituba*: o brejal das cobras, ou *araranguá*: rio de areia preta. Era tradicional aos portugueses, e muitas vezes obrigatório pela Coroa, entenda-se Igreja, a cada fundação de vila, erguer uma capela à Nossa Senhora da Conceição, padroeira de Portugal.

#### Um novo espaço português

O principal aspecto da ocupação portuguesa no Rio Grande, durante o século XVIII, foi a doação de terras (sesmarias) pela Coroa aos pioneiros que abriram a estrada entre Laguna e Sacramento - uma viagem por terra de Laguna a Sacramento demorava cerca de três meses! Essas terras situavam-se nos chamados *Campos de Viamão*, região próxima do litoral e rica em pastagens. “Ali se instalou toda atividade em torno da apreensão de gado, extração de couro e mais tarde o comércio de trigo, peixe seco, carne salgada e queijos”<sup>3</sup>. Esta vasta região também ficou conhecida como a *Vacaria do Mar*.

A *Capela Grande de Viamão*, fundada em 1741, passou a ser o local central da atividade econômica do sul e sua ligação com o centro do Brasil colonial dava-se através de Laguna. Por via terrestre, passando pelo atual litoral norte gaúcho, conduziam-se tropas de gado e se transportavam em mulas, produtos em geral. Devido ao volume de comércio entre os dois lugares, o governo promove a instalação de *Guardas* para a cobrança de impostos à Coroa e para a segurança nas travessias dos rios Tramandaí e Mampituba <sup>4</sup>. Chegando a Laguna, os produtos e as mercadorias seguiam

---

<sup>3</sup> Nota da exposição permanente do Museu Anita Garibaldi, em Laguna - SC (2004).

<sup>4</sup> Do rio Araranguá em SC, também.

diretamente ao Rio de Janeiro, a outras cidades litorâneas e à Europa por via marítima.

Ao longo dos anos setecentos, o litoral do Rio Grande passou a ser a grande rota para o movimento de tropeiros em direção ao centro do Brasil colonial. Pela planície costeira e adjacências do então “Rio Grande de São Pedro”, circulavam pessoas, produtos e se davam os primeiros passos na ocupação desta região. Além de Viamão, surgem outras localidades que vão compor uma rede de pontos de ocupação lusitana no sul do continente, como constatamos no mapa a seguir:

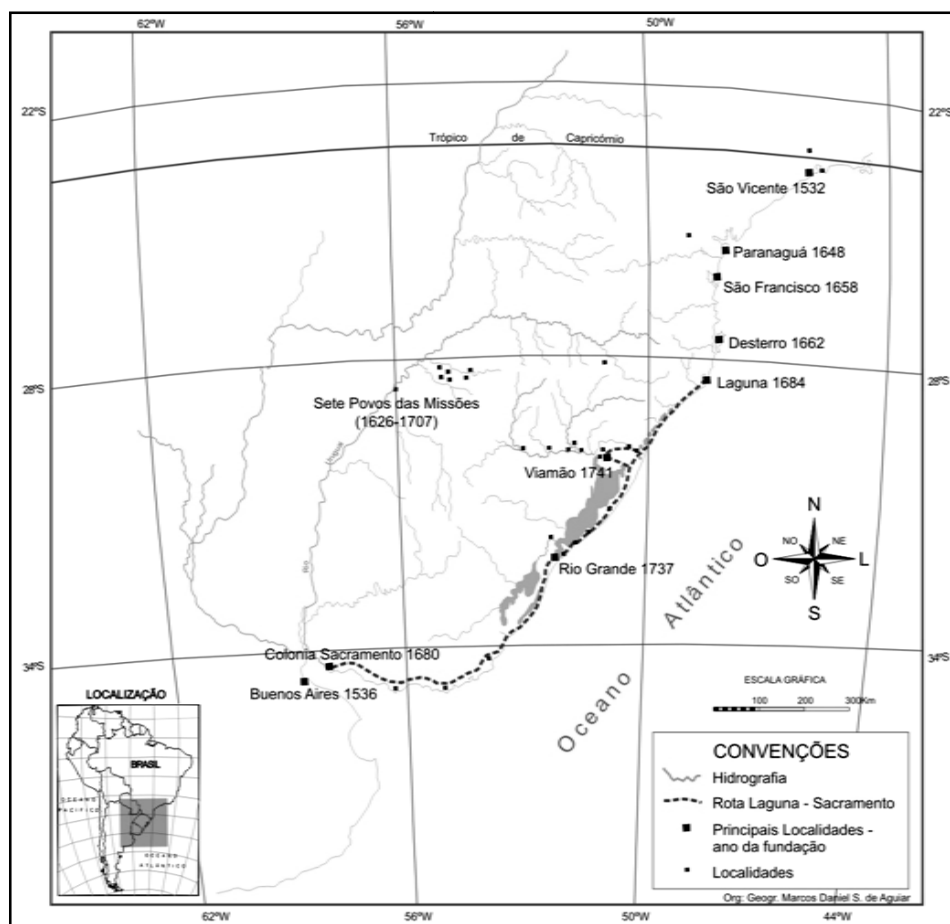
As terras doadas, sobretudo aos lagunenses, eram de enorme extensão. A primeira sesmaria foi doada nas proximidades de Tramandaí em 1726, surgindo então as primeiras estâncias de apreensão e criação de gado. Essas terras foram valorizadas à época, pois, além da sua posição geográfica, as grandes extensões de campos permitiam que se instalasse uma atividade econômica valorizada - a economia do Brasil colonial necessitava de couros e carne. O gado que já fora introduzido por portugueses e espanhóis durante o século anterior, também fora expulso da região das Missões por ocasião da Guerra Guaranítica<sup>5</sup> e se reproduzia facilmente nesses campos.

Em 1748, inicia a imigração proveniente das Ilhas dos Açores, na Ilha de Santa Catarina e em Laguna. Quatro anos mais tarde (1752), ao chegarem ao Rio Grande do Sul, se estabelecem em Viamão, em diversas outras povoações próximas ao litoral, nas margens do Guaíba<sup>6</sup> e nas principais vias navegáveis conhecidas deste imenso “continente”. Com a imigração açoriana, a região seria impulsionada economicamente: as atividades agrícolas dos imigrantes açorianos representaram uma nova atividade de subsistência que propiciava uma maior sustentação dos locais, já que a principal atividade por estas bandas era apenas a extração da courama do gado vacum. Os açorianos tinham a promessa do governo de receber *datas* de terras (cerca de 270 hectares), instrumentos agrícolas, sementes e animais, objetivando criar um conjunto de proteção contra as invasões e a densificação da população.

---

5 Índios Guarani, das Missões, resistem às tropas luso-castelhanas para não abandonarem suas terras.

6 É importante acrescentar que os açorianos acabam permanecendo muito tempo neste local, esperando a destinação de terras no vale do rio Jacuí, ocasionando a origem de Porto Alegre (inicialmente conhecido como *Porto do Viamão*, depois *Porto dos Casais*, para depois tornar-se finalmente, Porto Alegre). Esse fato é considerado o marco da fundação da capital do RS. Outro fato importante foi a invasão e a ocupação espanhola na vila do Rio Grande entre 1763 e 1776, quando é transferida a capital para Viamão e posteriormente para Porto Alegre, devido à sua melhor situação geográfica (distância das áreas de conflito) e melhor posição na rede hidrográfica usada pelos colonizadores.



**Figura 1:** Mapa das localidades do litoral sul do Brasil e do Continente de São Pedro - 1532 - 1780

Entre Viamão e Laguna, criam-se povoados, que logo ascendem à condição de freguesia<sup>7</sup>, tais como Nossa Senhora da Conceição do Arroio<sup>8</sup> e Santo Antônio da Guarda Velha ou Santo Antônio da Patrulha<sup>9</sup>, que, como o próprio nome sugere, se deu em função da guarda ali instalada para a coleta de impostos dos produtos que tinham como destino o norte ou o centro colonial brasileiro. Entre Viamão e Rio Grande, ao longo da extensa faixa de areia junto ao oceano, formaram-se outros núcleos: São Luiz Gonzaga de Mostardas<sup>10</sup> e Nossa Senhora da Conceição do Estreito<sup>11</sup>. Ainda havia a

7 Uma categoria inferior à de vila, à época. Como se hoje fosse sede de distrito.

8 Atual Município de Osório.

9 Atual Município, conserva o mesmo nome.

10 Atual Município de Mostardas.

11 Atual Distrito de São José do Norte, com o nome de Estreito.



Estância Real do Bojuru<sup>12</sup> e o Povo do Norte<sup>13</sup>. Aquela dedicava-se à produção agrícola para abastecer a Vila do Rio Grande e extrair as couramas para a exportação, enquanto esta era uma pequena povoação próxima a dois fortes do outro lado da barra do Rio Grande e que, em um primeiro momento, constituiu o principal ponto de atracação das maiores embarcações.

Praticamente toda a população vivia e se ocupava nesses núcleos. O quadro abaixo mostra o número de habitantes por freguesias segundo pesquisa de Mário Maestri Filho, adaptado para esta pesquisa:

LOCALIDADE	POPULAÇÃO	LOCALIDADE	POPULAÇÃO
N. S. Madre de Deus de Porto Alegre	1.512	N. S. dos Anjos da Aldeia	2.355
VILA de São Pedro do Rio Grande	2.421	N. S. de Oliveira da Vacaria	571
N. S. Conceição do Estreito	1.254	Bom Jesus do Triunfo	1.277
S. Luiz Gonzaga de Mostardas	591	S. José de Taquari	689
N. S. da Conceição de Viamão	1.891	Santo Amaro	720
Santo Antônio da Guarda Velha	1.189	N. S. do Rosário de Rio Pardo	2.374
N. S. da Conceição do Arroio	417	S. Nicolau da Cachoeira	662
		<b>TOTAL</b>	<b>17.923</b>

**Quadro 1:** População absoluta das localidades do Rio Grande de São Pedro em 1780.

**Fonte:** Adaptado de MAESTRI FILHO, 1979, p. 38.

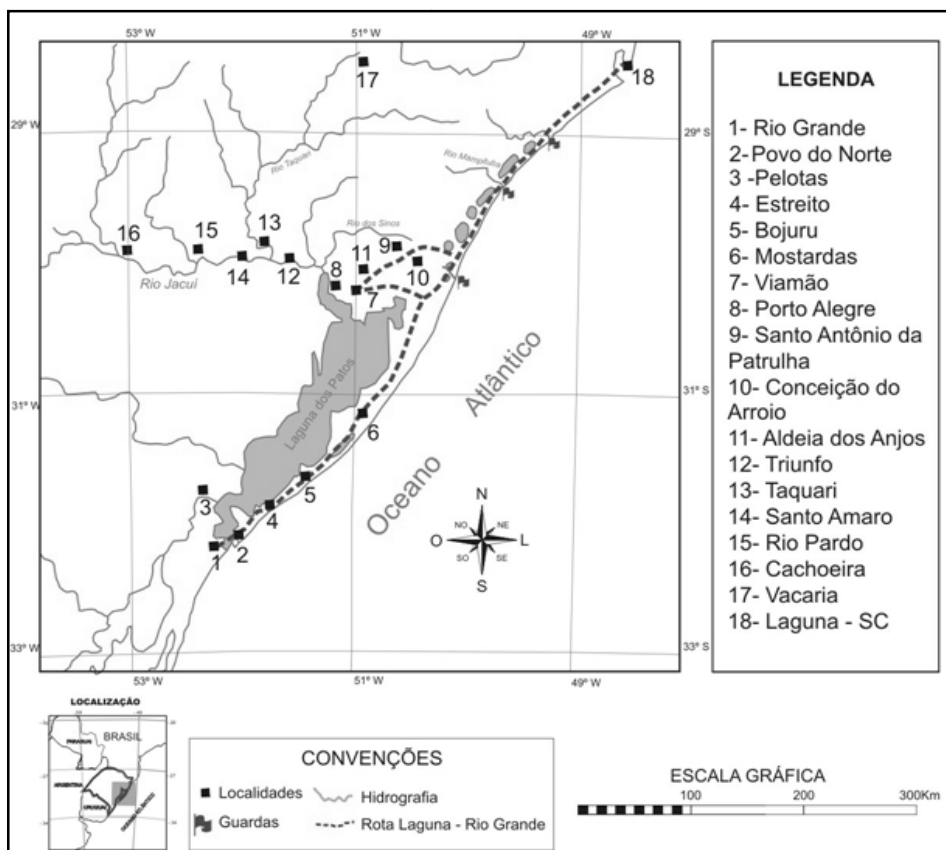
Dentre as treze freguesias e a Vila do Rio Grande, nota-se que a maioria da população vivia nas localidades que perfaziam o caminho litorâneo entre o “sul e norte”, bem como na capital e suas proximidades. Incluía-se nesta convenção a capital, Porto Alegre; a maior cidade, Rio Grande; o principal centro econômico, Viamão; o principal destacamento militar do norte, Santo Antônio; a freguesia do Estreito, situada no caminho de faixa arenosa próxima ao mar e a freguesia dos Anjos da Aldeia<sup>14</sup>, já de população expressiva, além de Mostardas e Conceição do Arroio.

À exceção de Vacaria, localizada no planalto, as demais freguesias situavam-se no vale do rio Jacuí, então principal via navegável de penetração e expansão de ocupações no Estado, as quais também foram impulsionadas pela colonização açoriana, além de igualmente desempenharem função militar. O detalhamento do mapa seguinte revela a rede de localidades no Rio Grande do Sul e sua localização: em sua maioria no litoral, no caminho a Rio Grande e ao longo do rio Jacuí.

12 Atual Distrito de São José do Norte, com o nome de Bojuru.

13 Deu origem a cidade de São José do Norte.

14 Teve o povoamento de sua sede iniciado em 1755 a partir da população de índios provenientes das Missões, por ocasião da Guerra Guaranítica, lugar onde o governo resolveu assentá-los. Hoje em dia é o município metropolitano de Gravataí.



**Figura 2:** Mapa das localidades do litoral do Continente de São Pedro - 1780

Fonte: Organizado por Marcos Daniel S. Aguiar

### O “esvaziamento” da região litorânea do RS

No final do século XVIII, a faixa da costa - ao longo do caminho de ligação entre as cidades de Laguna, Viamão e Rio Grande - ia perdendo importância estratégica. Essa porção do território já estava apropriada pelos portugueses, e, com o movimento decrescente de transporte de gado e mulas em tropas e de outros produtos agrícolas, a sua importância econômica diminuía. Silva (1979, p. 59) afirma o seguinte:

Até 1780, a economia do gado visava apenas à exportação de animais em pé e a venda de couros. Em 1779, instala-se na margem do canal de São Gonçalo, um criador de gado oriundo do nordeste, retirante da grande seca de 1777 que se impressiona com a abundância de gado na região bem como a grande disponibilidade de pasto. Estabeleceu aí uma charqueada, dando início à produção comercial do charque.

A própria cidade de Laguna também entra em declínio econômico. Alguns anos antes, na altura de Araranguá, outro caminho já havia sido aberto, pelo qual se alcançava o planalto, chegando a Lages, e daí rumando para o norte, para Ponta Grossa, Sorocaba até as Minas Gerais, destino final do charque e do gado sulino tropeado. O chamado *Caminho dos Conventos* mudou a rota para o centro da colônia, e o transporte através das tropas, iniciado pelo litoral, dava-se cada vez com mais intensidade pelas serras, para acessar o planalto meridional do Brasil.

A principal dinâmica econômica daquele tempo passa a ser a da navegação interna pelo rio Jacuí, lago Guaíba e laguna dos Patos, que unia as cidades de Rio Pardo, Porto Alegre, Pelotas e Rio Grande, praticamente excluindo as outras localidades (situadas junto à orla oceânica) da economia regional. A consolidação do trabalho escravo na indústria saladeiril e a nova técnica de conservação da carne permitem que Pelotas se torne a maior e a mais desenvolvida cidade do Rio Grande do Sul durante grande parte dos anos oitocentos. Caio Prado Júnior (1970) determina esse momento - o do estabelecimento efetivo da atividade pecuária e das charqueadas - como a "incorporação do Rio Grande do Sul" à economia brasileira.

Em 1810, a indústria do charque gaúcho adquire grandes proporções, devido às instabilidades causadas pelas guerras no Vice-Reino do Prata (República Argentina), precursor da indústria saladeiril. Os pequenos núcleos açorianos do litoral começam a se esvaziar. A migração em direção ao sul pastoril é grande, pois os colonos viram-se seduzidos e atraídos pela criação extensiva. Silva (op.cit., p.61) assim constata:

As dificuldades encontradas pelos colonos açorianos na agricultura, as facilidades proporcionadas pela criação, o rápido enriquecimento dos charqueadores, arrastam os filhos dos colonos para as campinas do sul. Regrediram os pequenos núcleos agrícolas, penetrando a população cada vez mais para o interior. Desenvolveu-se, assim, mais ainda a população pastora.

Dessa maneira, o sul passa a ser o espaço econômico do Rio Grande do Sul por excelência. Outro fator que atraía a população para essa nova região e para essa atividade era a dominação portuguesa por ocasião da criação da Província Cisplatina (1822-1825) - atual República Oriental do Uruguai, na qual havia disponibilidade de terras e de rebanhos.

O litoral do Rio Grande do Sul em sua porção setentrional torna-se periférico, social, política e economicamente. A economia gaúcha girava em torno do charque, e as batalhas e guerras travadas<sup>15</sup> por disputas territoriais ao longo do século XIX tinham como palco principal as terras meridionais: a região da Campanha, constituída pela extensa área de campos do Rio Grande

---

15 Guerra da Cisplatina (1825-1828), Revolução Farroupilha (1835-1845), Guerra do Paraguai (1865-1870).

do Sul que hoje faz divisa com a Argentina e o Uruguai. Ao longo daquele século, o extenso litoral nada mais era do que uma região que um dia fora ocupada pioneiramente, iniciando um tímido processo de transformação, mas que não passou de leves mudanças na estrutura fundiária e da tentativa de introdução da lavoura de trigo. A região passou a viver uma depressão econômica profunda, que só iria se alterar em meados do século seguinte. O geógrafo francês Raymond Pébayle (1974, apud COSTA, 1988, p. 35) levanta um fator de ordem eminentemente geográfica de insucesso dos colonos açorianos com a agricultura:

[...] a colonização oficial simplesmente ignorou um fato geográfico fundamental, pois instalou os camponeses habituados aos territórios exíguos e acidentados das ilhas vulcânicas dos Açores em pradarias perfeitamente descobertas do litoral e das planícies centrais do RS, geralmente em terrenos de pouca fertilidade e em permanente estado de insegurança.

Costa (1988, p. 36), entretanto, acrescenta que, muito mais do que um “erro geográfico”, se tratava de uma estratégia geopolítica para interferir na estrutura latifundiária da região pelo poder central português. As *datas* de terras “quebrariam” a hegemonia das sesmarias, e os colonos “participariam” mais ativamente da formação econômica e social desta imensa região. Sandra Pesavento (1983:32) recorda que, posteriormente, “os açorianos foram expropriados de suas terras entre 1780 e 1801 em favor da concessão de sesmarias para a criação de gado”, atividade mais rentável que a lavoura de trigo. Naquele tempo, “dinamizam-se as charqueadas; afirmam-se as relações de produção escravistas”, aponta a historiadora, o que praticamente não afetava a vida econômica do litoral gaúcho.

Os caminhos da região litorânea, de Laguna a Viamão e Rio Grande, já eram os velhos caminhos da região litorânea. A ligação com centro do Brasil consolidava o caminho das tropas pelo planalto: de Santo Antônio, subia-se a serra, alcançando Vacaria e depois, Lages. Por sua vez, os portos e a navegação cumpriam a função de ligação entre os principais pontos do território. O litoral norte gaúcho, entretanto, não perdia a função de *região de passagem* entre o sul e o centro da colônia, depois Império, que permanecia. Alguns fatos descritos pela história ajudam-nos a identificar com mais clareza o contexto social e político em que aconteceram, bem como nos revelam mais elementos que situam melhor a formação da sociedade e do espaço alvo desta pesquisa.

Auguste de Saint-Hilaire (1779-1859)<sup>16</sup>, viajante e botânico francês, ao invés de optar pela navegação - então o meio de transporte mais utilizado -

16 Pode-se dizer que SAINT HILAIRE viajou bastante pelo Brasil do século XIX. Sempre descrevendo as paisagens por onde passava, associava estes relatos com a presença de espécies da flora e da fauna, bem como aos hábitos e costumes dos homens e das mulheres brasileiros. Esteve na Bahia, em Minas Gerais, no Rio de Janeiro, em Goiás, no Mato Grosso, em São Paulo, no Paraná, em Santa Catarina, no Rio Grande do Sul e no Uruguai.

resolve adentrar o Rio Grande do Sul por via terrestre, com cavalos, carroças e mulas, juntamente com um tropeiro mestiço, um índio e um negro alforriado. Parte de Laguna e chega a Torres em 5 de junho de 1820. Assim abre seu relato de *Viagem ao Rio Grande do Sul*:

Sempre areia e mar. Enquanto nos dias anteriores só avistávamos uma praia esbranquiçada que se confundia com o céu na linha do horizonte, hoje, ao menos, deparamos dois montes denominados Torres, porque realmente avançam mar a dentro, como duas torres arredondadas. Para as bandas do oeste, recomeçamos a avistar a grande cordilheira que há muito tempo não víamos. Cerca de uma légua daqui, encontramos-nos à margem do Rio Mampituba, que, atravessando a praia, se lança no mar, após separar a Província de Santa Catarina da Capitania do Rio Grande; passámo-lo do mesmo modo que o Rio Araranguá. É também à guarda de Torres que se paga o pedágio. Continuando a viagem, chegamos aos montes que tem esse nome; um relvado muito rente ao chão, um pouco mais elevado que a praia estende-se à beira-mar, acima do monte que fica mais ao norte. Como há projeto de se localizar em Torres a sede de uma paróquia, começaram a construir aí uma Igreja, da qual até agora só existe apenas o madeiramento. Depois de passarmos por esta Igreja, chegamos a um forte, cuja construção está sendo ultimada neste momento e junto ao qual se acha o alojamento dos soldados do posto e do alferes que os comanda. Estas construções, situadas no lado ocidental do monte, local onde gozei um panorama que se me afigurou mais encantador do que efetivamente era, por causa da monotonia dos areais áridos, batidos pelas ondas. (SAINT-HILAIRE 2002, p. 11).

Depois de passar por Porto Alegre, a incursão de Saint-Hilaire ofereceu-nos ainda outra visão, desta vez caracterizando as dificuldades de ocupação da faixa litorânea e o abandono que a região vem sofrendo:

FREGUESIA DO ESTREITO, 5 de agosto, 6 léguas - O terreno é sempre uniforme e arenoso. As pastagens rasas e disseminadas, como as dos arredores de Porto Alegre. [...] Todos agricultores queixam-se da seca que vem assolando, há oito meses; os animais só encontram no campo erva ressequida; estão muito magros, encontrando-se diariamente grande número deles, mortos pelos campos. [...] A aldeia do Estreito era outrora mais para leste mas, como as casas foram enterradas pelos turbilhões de areia que o vento atira sem cessar das margens do mar, foram transferidas para o lugar onde se encontram atualmente e onde, sem dúvida, terão em breve a mesma sorte. Em número de quarenta, afastadas uma das outras, pequenas e, geralmente em mau estado, bastante altas, estas casas são cobertas de palha e acham-se enfileiradas em torno de uma larga praça revestida de grama. Quase todas apenas são habitadas aos domingos e dias festivos. (SAINT-HILAIRE 2002, p. 55-56)

Nesses dois trechos de seu relato, o estudioso francês aponta para o vazio demográfico e para as dificuldades de sobrevivência e de prosperidade

---

“Ninguém mais atento do que ele no empenho de desvendar aos olhos da Europa a ecologia dessa parte do mundo”. Por CESAR, Guilhermino no prefácio de *Viagem ao Rio Grande do Sul*.

econômica, no que hoje se constitui parte do litoral norte do RS. As localidades existentes decrescem economicamente ou mesmo cumprem apenas a função de pequenos centros locais.

Fato que efetivamente representou um novo elemento na formação social do litoral gaúcho foi, ainda na primeira metade do séc. XIX, a chegada de novos colonos. Em 1824, inicia a chegada de imigrantes alemães ao Rio Grande do Sul, a política do Império passa a ser a de ocupar as terras do norte da Província, já que o sul estava “povoado” e apresentava atividade econômica satisfatória. Esses colonos recebem pequenos lotes de terra situados nos vales dos rios da Serra Geral. Em uma primeira leva, um pequeno grupo é instalado nas proximidades de Torres, formando as colônias de Três Forquilhas e de São Pedro de Alcântara. Dedicam-se à produção policultora de gêneros alimentícios, como feijão, milho, arroz, batata, hortaliças, frutas e cana-de-açúcar, ao contrário dos de origem açoriana que se ocupavam basicamente das culturas de trigo e cevada. Significativa era a produção dessas colônias. Além daqueles alimentos, eram produzidas rapaduras, farinha, banha de porco, aguardente e até tijolos, panelas e outras peças de cerâmica. O estabelecimento dessas colônias propiciou o comércio com as regiões de Cima da Serra e Vacaria, por volta de 1859 (NOGUEIRA & HUTTER, 1975, p. 96). O excedente da produção era vendido a Santa Catarina e aos habitantes da Serra. Outra parte da produção partia para Porto Alegre (em carretas) onde os colonos a trocavam por gêneros estrangeiros. Através das vias lacustres, abundantes na região, ou combinado com o transporte em carretas, tais produtos também chegavam até a cidade de Rio Grande.

Três Forquilhas concentrou os colonos de religião protestante e São Pedro, os de religião católica. Esses últimos acabaram sendo privilegiados com igrejas e escolas públicas. Mesmo assim, os primeiros construíram com seus próprios esforços suas capelas e escolas. Em 1858, Três Forquilhas possuía uma escola particular freqüentada por 58 alunos (Idem, p. 139). Essa colônia fora anteriormente citada como um exemplo da miséria que esperava os colonos no Brasil. Todavia, os números das exportações em 1866 mostravam que não podia ser considerada como tal (Ibidem, p. 118). Mesmo assim, devido à grande distância dos mercados consumidores e às dificuldades de transporte, o que afastava inclusive os professores, essas colônias entram em declínio, apesar de serem tão antigas como a de São Leopoldo, igualmente pioneira no Rio Grande do Sul<sup>17</sup>.

A Revolução Farroupilha veio a ilustrar a importância geográfica da região: o italiano Giuseppe Garibaldi liderou a travessia, por terra, de “dois

---

17 Além do próspero comércio e indústria, São Leopoldo foi impulsionada em seu desenvolvimento com a instalação do primeiro trecho ferroviário do RS, em 1874, passando a conduzir produtos, e dois anos mais tarde, passageiros, para Porto Alegre, o que se tornou um diferencial à época devido ao “encurtamento” das distâncias.

lanchões” sobre imensas rodas de carreta puxada por cavalos e homens desde Capivari - próximo à laguna dos Patos - até a foz do rio Tramandaí no oceano, cruzando banhados, lagoas e dunas. Avançou mar adentro e rumou para o norte, onde invadiu a cidade de Laguna em 1839. Os rebeldes jamais tomaram a cidade de Rio Grande, mesmo havendo a necessidade de uma saída (para o mar) que servisse de escoadouro para a exportação do charque gaúcho. Como se sabe, o intento dos farroupilhas não teve o sucesso por eles desejado. Se Laguna viesse a ser o porto da *República Rio-grandense*, o litoral norte gaúcho poderia retomar a função de ligação entre as zonas produtoras (de charque) e o porto de escoamento dessa produção, o que talvez provocasse outro rumo no desenvolvimento da região.

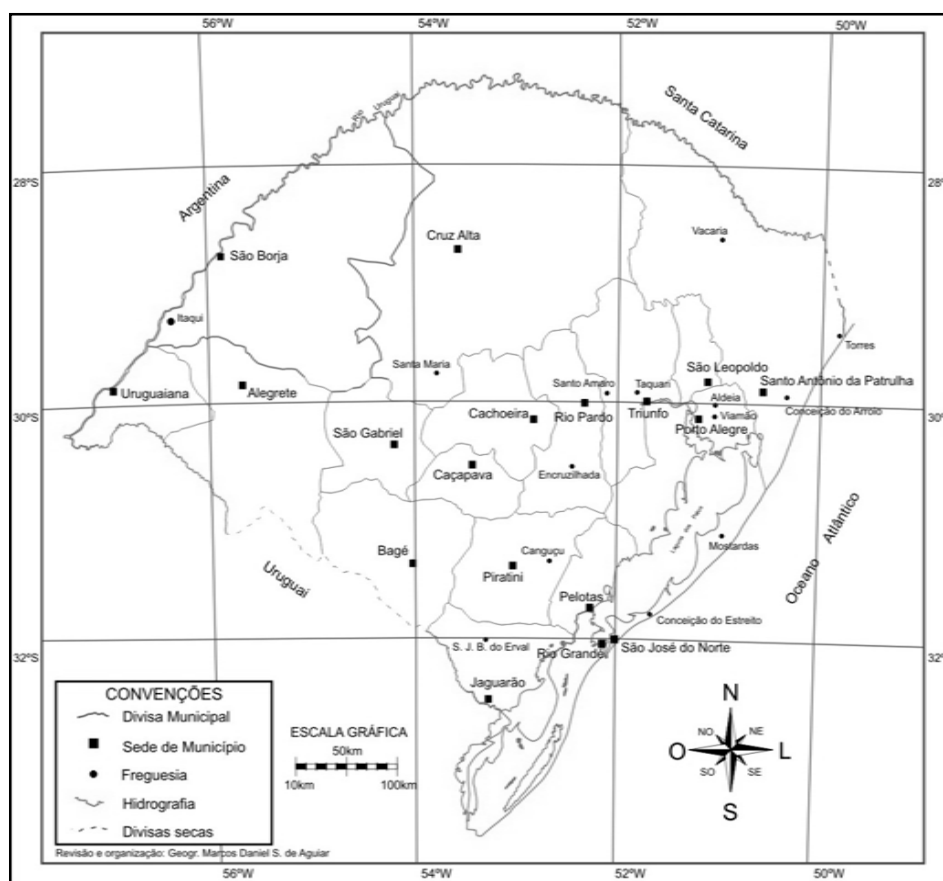
Riopardense de Macedo (apud SILVA, 1979, p. 44-45), descreve ainda que, por cerca de 1850, o Império do Brasil é pressionado pela marinha inglesa na repressão ao tráfico negreiro. Entretanto, ocorrem alguns desembarques clandestinos. Em um desses, assim escreve: “continuava o desembarque de escravos no litoral do Rio Grande do Sul e o lugar preferido era a área de Tramandaí, possivelmente por ser pouco habitado e onde a distribuição era feita com mais facilidade”. A fronteira em disputa constante e as atividades charqueadora e agropastoril não abriam mão do trabalho escravo.

#### **O espaço social construído**

O que hoje convencionalmente denominamos litoral norte do Rio Grande do Sul, em meados do séc. XIX, era constituído por áreas de dois municípios: São José do Norte e Santo Antônio da Patrulha, com enorme distância entre eles, mas com características sociais e econômicas bastante semelhantes. No mapa abaixo, datado de 1846, um ano após o término da Revolução Farroupilha, podemos observá-los.

Nota-se que os núcleos e freguesias ao longo da faixa litorânea (Bojuru, Estreito, Mostardas, Conceição do Arroio e Torres), que se constituíram como locais da estratégia de assentamentos para a base econômica da ocupação lusa, não evoluíram para a condição de município. Essa evolução é percebida no outro lado da laguna dos Patos onde os núcleos cresciam a partir da função militar e administrativa dada pela Coroa, pelos próprios farroupilhas e pela própria “corrida” dos açorianos aos campos mais abundantes. São José do Norte tornara-se município devido mais a sua posição geográfica em frente a Rio Grande, sede de porto e de quartéis, do que pelo fato de possuir uma situação econômica mais favorável ou de igualdade com os outros municípios da Província. A freguesia de Conceição do Arroio, por ser ponto de referência na rota que seguia para o norte, bem como dos que chegavam nessas terras, sobrevivia agora, como ponto de comércio entre os produtos das colônias dos

alemães e dos açorianos, bem como, caminho para a capital. As Guardas, estrategicamente localizadas em Torres e Tramandaí, junto aos pontos de passagem nos rios, não tiveram crescimento esperado para uma região que foi a primeira a ser desbravada pelos portugueses no Rio Grande do Sul. A primeira tornou-se freguesia em 1837, e a segunda era ponto conhecido apenas pela necessidade daquela travessia e da fazenda das Conchas, sesmaria doada a um lagunense, militar da campanha de Sacramento. Santo Antônio da Patrulha<sup>18</sup>, por sua vez, mantinha-se na mesma ordem, ou seja, com a missão de local destinado ao recolhimento de impostos das tropas que rumavam para o norte que, nessas alturas, eram totalmente realizados pela



serra e planalto e não mais pelo litoral.

**Figura 3:** Rio Grande do Sul - Divisão Municipal - 1846.

18 Santo Antônio da Patrulha, a saber, é um dos quatro primeiros municípios do RS, criado em 1809, ano em que se inaugurou a divisão político-administrativa do Estado, juntamente com Porto Alegre, Rio Grande e Rio Pardo. Osório, emancipado em 1857, ainda com o nome de Conceição do Arroio foi o segundo criado na região.



Fonte: IGRA, s/data. Revisado pelo autor.

Esta região conservaria apenas a tradição agrícola, com a marca da pequena propriedade, como principal característica. Não havia mais a função militar efetiva e sua ligação (transporte e comunicações) com as áreas mais desenvolvidas da Província era precária e muitas vezes inexistente. O próprio movimento de imigrantes alemães cessou em Três Forquilhas e São Pedro de Alcântara<sup>19</sup>, sendo que as novas levas desses imigrantes foram levadas para outras regiões<sup>20</sup>. O espaço social que aí surgira não era tão importante para o poder central, pois a prioridade política, econômica e territorial não estava mais sediada nessa porção do espaço.

Novamente, é necessário lembrar de Milton Santos, da noção de Formação Sócioespacial e de sua contribuição para a Geografia. Essa noção está baseada naquela de Marx, de Formação Sócioeconômica, em que o que conta, o que importa “é a produção, isto é, o trabalho do homem para transformar, segundo leis historicamente determinadas, o espaço, com o qual o grupo se defronta” (SANTOS, 1996, p. 10). Assim, “o espaço reproduz a totalidade social, na medida em que essas transformações são determinadas por necessidades sociais, econômicas e políticas” (SANTOS, 1996, p. 18) a cada diferente momento histórico.

A formação social da região está intimamente ligada à cultura dos povos que ali se instalaram e que foram paulatinamente transformando o espaço que os cercava através de suas ações com os meios disponíveis. Estimulados ou obrigados pelo poder político de então, propiciaram a primeira característica desse espaço social: a atividade agropecuária realizada em pequenas, médias e grandes propriedades, de base alimentar, e em precárias condições de produção no contexto da economia regional.

#### **Referências bibliográficas**

AGUIAR, Marcos Daniel S. de. De Tordesilhas à Duplicação da BR-101 Sul: a construção social do espaço regional do litoral norte do Rio Grande do Sul. Encontro Nacional de Geógrafos, 14. 2006. Rio Branco. **Anais Magnético...** Rio Branco. Julho, 2006.

ARQUIVO PÚBLICO MUNICIPAL DE OSÓRIO. **Dados Históricos do Município de Osório**. Osório: 1991. Mimeografado.

BORGES FORTES, Amyr; WAGNER, J.B.S. **História Administrativa, Judiciária e Eclesiástica do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Globo, 1963.

---

19 Cfe. HEIDRICH & NUNES (2004), “em 1859 os dois grupos totalizam apenas 900 pessoas e, praticamente no decorrer do séc. XIX, não se instalaram outros imigrantes. Por isso a estagnação das colônias. Estima-se que seus habitantes ainda hoje, sejam mais pobres que outros colonos de origem alemã em nosso Estado”.

20 Novos imigrantes alemães foram direcionados aos vales dos rios Cai, Taquari, Pardo e Jacuí.

- BUARQUE DE HOLANDA, Sérgio. **Raízes do Brasil**. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1984.
- CARNEIRO, José Fernando. O Império e a colonização no Sul do Brasil. In: **Fundamentos da Cultura Rio-grandense**. 4ª Série. Porto Alegre: Faculdade de Filosofia/URGS, 1960. Separata.
- CESAR, Guilhermino **Primeiros Cronistas do Rio Grande do Sul 1605-1801**. Editora da UFRGS Porto Alegre, 1981.
- COSTA, Rogério Hasbaerth da. **RS Latifúndio e Identidade Regional**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.
- DREYS, Nicolau. Notícia descritiva da província do Rio Grande de São Pedro do Sul. **Revista de Educação e Cultura**, IEL/Livraria do Globo, Porto Alegre, 1961.
- ESPIRITO SANTO, Miguel Frederico do. **O Rio Grande de São Pedro entre a Fé e a Razão: introdução à História do Rio Grande do Sul**. Martins Livreiro Editor. Porto Alegre, 1999.
- FERNANDES BASTOS, Manuel Estevão. **Pequeno Dicionário Histórico e Geográfico do Município de Osório**: contribuição para o dicionário histórico e geográfico do Rio Grande do Sul. Osório: 1935.
- \_\_\_\_\_. A Estrada da Laguna ao Rio-Grande. CONGRESSO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA SUL RIO-GRANDENSE, 2º. **Anais**. Porto Alegre: Globo, 1937. Separata.
- FLORES, Maria Bernadete R. **Povoadores da Fronteira - Os casais açorianos rumo ao Sul do Brasil**. Ed. UFSC. Florianópolis, 2000.
- FLORES, Moacyr. **História do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Nova Dimensão, 1993.
- HEIDRICH, Álvaro Luiz; NUNES, Camila Xavier. A colonização alemã no Rio Grande do Sul: dinâmica sócio-econômica e paisagem cultural no vale do rio Três Forquilhas. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE GEÓGRAFOS, 6º, 2004, Goiânia. **Anais Magnético...** Goiânia: 2004
- INSTITUTO GAÚCHO DE REFORMA AGRÁRIA - IGRA. **Evolução Administrativa do Rio Grande do Sul (criação de municípios)**. Divisão de Geografia e Cartografia. Porto Alegre: [s. d.].
- MAESTRI FILHO, Mário. O escravo africano no Rio Grande do Sul. In: DACANAL, José H.; GONZAGA, Sergius (orgs.). **RS Economia e Política**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1979.
- NOGUEIRA, Arlinda R. HUTTER, Lucy M. **A Colonização em São Pedro do Rio Grande do Sul durante o Império (1824-1889)**. Porto Alegre: Garatuja, 1975.
- PESAVENTO, Sandra J. **História do Rio Grande do Sul**. 3ª ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980.

PRADO JUNIOR, Caio. **História Econômica do Brasil**. 12ªed. São Paulo: Brasiliense, 1970.

RIBEIRO, Pascoalino L. **Freguesia de Nossa Senhora da Conceição do Arroio**. Prefeitura Municipal de Osório: Osório, 2006.

ROSA, Otelo. A formação do Rio Grande do Sul. In: **Fundamentos da Cultura Rio-Grandense**. Porto Alegre: Faculdade de Filosofia da URGs, 1957.

SAINT-HILAIRE, Auguste de. **Viagem ao Rio Grande do Sul**. Traduzido por Adroaldo Mesquita da Costa. 4ª ed. Porto Alegre: Martins Livreiro, 2002.

SANCHÉZ, Joan-Eugeni **Espacio, economia y sociedad\_Siglo XXI de España** Editores Madri, 1991

SANTOS, Milton. **Espaço e Sociedade**. Ed. Vozes, Petrópolis, 1979.

\_\_\_\_\_. **Por uma Geografia Nova**. Ed. Hucitec São Paulo, 1996.

SÃO LEOPOLDO, José Feliciano Fernandes Pinheiro, Visconde de. **Anais da Província de São Pedro**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982.

SILVA, Elmar Manique da. Ligações externas da economia gaúcha (1736-1890). In: DACANAL, José H.; GONZAGA, Sergius (orgs.). **RS Economia e Política**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1979.

STENZEL FILHO, Antônio. **A Vila da Serra (Conceição do Arroio)**. 2ª ed. Caxias do Sul: IEL/UCS, 1980.